

2.1 Lobo Mau

O romancista António Lobo Antunes costuma ser, em entrevistas de lançamentos de livros e até mesmo em suas próprias crônicas, implacável com o cronista António Lobo Antunes. O romancista critica abertamente o cronista apontando e denunciando aquilo que vê como suas limitações e relativizando a importância e relevância dos numerosos leitores que a imensa circulação de suas crônicas conseguem. São dois conjuntos literários – o romanesco e o cronístico – que, de acordo como Lobo Antunes fala de seu próprio trabalho, ora entram em conflito direto, ora estabelecem um diálogo frágil e difícil, sem jamais perderem de vista um ao outro.

Apesar da faceta cronística de Lobo Antunes se localizar à margem da percepção da crítica literária de sua obra como um todo, uma análise mais atenta e detalhada logo aponta para sua inegável qualidade: com personagens e cenários e temas que adquirem voltagem e importância próprias por conta dos limites e dos potenciais do gênero. É possível afirmar que se a faceta romancista de António Lobo Antunes nunca existisse – em uma suposição que desconsidera por alguns instantes, para efeito retórico, que é sua presença de romancista que justamente garante a Lobo Antunes o convite para escrever as crônicas –, apenas sua obra cronística, poética, variada e nostálgica, já lhe garantiria um lugar de destaque na literatura portuguesa contemporânea.

Um dos núcleos mais evidentes de reflexão na obra cronística de Lobo Antunes é a discussão do lugar, que ele considera apropriado, para a literatura e para o ato de leitura na constituição e no desenvolvimento da imaginação dos indivíduos. Há em Lobo Antunes, especialmente em suas crônicas, mas também em diversas entrevistas e perfis, a defesa intransigente e a crença permanente em uma missão nobre e relevante para a literatura no mundo contemporâneo. E para, a ponte por meio do qual a literatura exerce essa influência positiva e duradoura é pela leitura concentrada e dedicada, tão difícil de alcançar segundo Lobo Antunes, quanto a árdua escrita de qualidade. A leitura potente e transformadora é por si só

um desafio permanente. Como constata em uma crônica recente, “bons leitores, infelizmente, são raros.”¹

Ainda que raros e difíceis de encontrar, Lobo Antunes está a busca deles. Ele demanda leitores que “permitam-se escutar a voz do corpo”² e caminhem pelos seus romances, absortos e entregues, “como num sonho”³. Poucos escritores contemporâneos de natureza experimental, como o escritor português, possuem uma preocupação tão constante e regular com a leitura. O desejo de encontrar essa leitura dedicada fez com que António Lobo Antunes disparasse, em uma crônica recente, o seguinte ultimato: “Quem tiver olhos que leia, quem não conseguir ler desista.”⁴ Faulkner, sua influência mais profunda, também possuía a mesma atitude diante dos leitores, apontando em uma de suas conferências na faculdade de Virgínia, onde foi escritor residente em 1954, que a principal obra de um escritor é o leitor que ele ensinou a ler.

Essa insistência implacável e constante em desafiar os leitores, que Lobo Antunes tanto almeja alcançar em sua escrita, tem a intenção de forçá-los a ler a partir de um lugar e de uma posição não confortáveis para assim, instabilizados, torná-los mais “inteligentes”⁵ acerca tanto de si próprios quanto do mundo que os cercam, missão que identifica, em uma bela crônica-homenagem ao seu amigo pintor Júlio Pomar, como elementar para qualquer grande arte. Lobo Antunes vê seus romances e escrita como desafios; no entanto, entende que esse desafio faz parte do esforço de provocar inteligência na sensibilidade dos leitores.

No entanto, essa nobre e elevada missão entra em discordância com aquilo que Lobo Antunes estabeleceu, desde que começou a colaborar com crônicas na imprensa, com o desejo de leveza e de entretenimento que identifica claramente nos leitores das crônicas. Esse desejo de leveza e entretenimento é antagônico ao árduo “itinerário da aprendizagem da dor”⁶ ao qual Lobo Antunes submete a si próprio ao escrever e, também antagônico, ao “itinerário” pelo qual submete seus

¹ LOBO ANTUNES, António. “Caminho como uma casa em chamas”. <http://visao.sapo.pt/caminho-como-uma-casa-em-chamas=f647927>. 23 de fevereiro de 2012.

² LOBO ANTUNES, António. “Receita para me lerem”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 114.

³ Idem. P 115.

⁴ LOBO ANTUNES, António. “Adeus”. <http://visao.sapo.pt/adeus=f692839>. 25 de outubro de 2012.

⁵ LOBO ANTUNES, António. “Júlio Pomar: Pintor”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 105.

⁶ LOBO ANTUNES, António. “Assim como assim” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 189.

leitores cúmplices, aqueles que tem “olhos para ler” e não desistem, por meio de seus romances.

Conforme Lobo Antunes afirmou em entrevista à jornalista espanhola María Luisa Blanco, os leitores de revistas e de jornais “querem uma coisa ligeira que não as faça pensar muito, que as divirta um pouco”⁷. São leitores que buscam uma distração descompromissada da qual o Lobo Antunes cronista, ao contrário do esperado após um contato com sua rígida visão de grande arte, não resiste em fornecer. Com seus textos breves Lobo Antunes se esforça, ainda que exista uma tensão permanente, em satisfazer esses leitores já que, como reconhece na mesma entrevista, “é esse o espírito das crônicas”⁸ que publica quinzenalmente.

Lobo Antunes estabelece nesses termos sua atividade de cronista: é um fornecedor de distrações encomendadas que os editores da revista “pagam para escrever”⁹ e seus inúmeros e ávidos leitores “pagam para ler”¹⁰. Dessa forma, o Lobo Antunes cronista cumpre essa atividade “puramente alimentar”¹¹, ainda que “sem nenhum prazer”¹², com pontualidade profissional, como se estivesse suprindo uma encomenda. Há uma consciência do propósito com que as crônicas são escritas por conta do escritor, e que se esforça para cumprir, ao menos como descreve sua atividade, sem maiores delongas e conflitos.

Em suas crônicas António Lobo Antunes afirma que, quando escreve seus romances, “não quer entreter os que compram, não quer diverti-los”¹³. Assume, assim, o desconforto provocado no leitor como parte essencial de sua poética literária. No entanto, diante da “simpatia e cumplicidade”¹⁴ dos leitores de crônicas, decide usar sua escrita apenas para “contar uma história que apazigue o lado infantil”¹⁵ deles, furtando-se assim da ambição essencial de “desafiar a

⁷ BLANCO, María Luisa. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P 113.

⁸ Idem. Idem.

⁹ LOBO ANTUNES, António. “Osso”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 93.

¹⁰ Idem. Idem.

¹¹ ARNAUT, Ana Paula. In: *Entrevistas com António Lobo Antunes*. Coimbra: Almedina, 2008. P 486

¹² Idem. Idem.

¹³ LOBO ANTUNES, António. “A melhor maneira é a única boa”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 170.

¹⁴ LOBO ANTUNES, António. “Última Crônica”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 391.

¹⁵ LOBO ANTUNES, António. “Adeus”. <http://visao.sapo.pt/adeus=f692839>. 25 de outubro de 2012.

trivialidade”¹⁶ do mundo, método por meio do qual atinge “as cidades sepulcrais interiores em que nos confinamos”¹⁷ na escrita de seus romances. Dessa forma estabelece, tanto em entrevistas quanto em suas próprias crônicas, que escrever seus textos breves é abraçar o que chamada de trivial no mundo, matéria-prima por excelência do gênero crônica, e que é justamente o que desafia e afronta quando se dedica à escrita romanesca.

Durante toda sua obra cronística permanecerá viva essa tensão, e essa é uma das bases do desconforto que Lobo Antunes sente diante de seus textos breves.

Lobo Antunes afirma, na mesma entrevista já citada com María Luisa Blanco, o seguinte: “As minhas crônicas, os meus pequenos textos são coisinhas sem nenhuma pretensão. E tenho a impressão de que é um público diferente que lê essas coisinhas.”¹⁸ Ainda que reconheça que se lança à escrita de sua obra cronística em sintonia com o pacto de entretenimento que estabeleceu com seus leitores, no início por uma questão de subsistência, uma espécie de necessidade a que ele tem que se submeter, ao longo dos textos breves é possível identificar seu esforço regular e consistente em nomear suas crônicas de maneira a evidenciar o baixo juízo de valor que faz delas.

Lobo Antunes aceita e corrobora o pacto e se anuncia, por necessidade, de acordo com os termos de leveza e de simplicidade que o gênero crônica, em seu entendimento, fundamenta-se. Contudo, faz questão em demarcar, sempre que tem uma oportunidade, uma clara fronteira de qualidade entre a escrita romanesca e a escrita cronística uma vez que para ele suas crônicas são “textozitos”¹⁹, “prosinhas”²⁰, “croniquetas”²¹ simplórias e “despretensiosas”²² onde realiza uma escrita que é “o contrário do que pretende nos livros”²³. Essa é uma divisão de qualidade, aparentemente bem resolvida na forma com que Lobo Antunes encara

¹⁶ LOBO ANTUNES, António. “A Confissão do Trapeiro”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 134.

¹⁷ Idem.

¹⁸ BLANCO, María Luisa. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P 113.

¹⁹ LOBO ANTUNES, António. “Adeus”. <http://visao.sapo.pt/adeus=f692839>. 25 de outubro de 2012.

²⁰ Idem

²¹ LOBO ANTUNES, António. “Onde o pobre escritor começa”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 226.

²² LOBO ANTUNES, António. “Última Crônica”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 390.

²³ Idem. P 389.

e pensa seus próprios textos, e que possuirá outras camadas a serem exploradas na presente tese.

Dessa forma, o desconforto detectado é de duas naturezas. Em primeiro lugar, está sua crítica direta ao leviano público das crônicas, que vê como alheio e distraído, e tão diferente daquele que deseja para seus romances, esses leitores cúmplices que “venham comigo e que estejam comigo”²⁴, mergulhados no “fluxo e refluxo de emoções partilhadas”²⁵ que a aventura do texto literário proporciona tanto para o escritor quanto para o leitor já que “o bom leitor só recebe na medida em que dá”²⁶.

Depois, há o desconforto pela distância entre aquilo que António Lobo Antunes “pretende nos livros”²⁷, na árdua escrita dos seus romances, que faz com que sofra “15 horas por dia todos os dias”²⁸ e onde ambiciona “meter o mundo inteiro entre as capas de um livro”²⁹, e aquilo que alcança com as crônicas, gênero que vê como demasiado breve para suprir o “galope muito largo”³⁰ de sua imaginação. Lobo Antunes evidencia assim como marcas de qualidade do texto literário os conflitos de tempo e de dedicação na construção do próprio texto narrativo que essas duas atividades, de romancista e de cronista, demandam de forma tão distinta. Os romances, frutos de esforço hercúleo, e que absorvem todo seu emocional e intelecto, demandam um custo temporal gigantesco, o que lhes dá sua inerente qualidade. As crônicas são frívolas.

Como Lobo Antunes afirmou em uma entrevista para jornalista portuguesa Ana Marques Gastão, reforçando o que já foi traçado até aqui, quando começou sua atividade de cronista pensou “que tinha que fazer apenas umas coisas ligeiras, divertidas”³¹ e que, mais importante, “interessassem às pessoas”³². É assim que Lobo Antunes vê o trabalho do cronista: um escritor que se esforça para “redigir

²⁴ LOBO ANTUNES, António. “Explicação aos paisanos”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 171.

²⁵ LOBO ANTUNES, António. “De livros e editores”. <http://visao.sapo.pt/de-livros-e-editores=f569659>. 22 de agosto de 2010.

²⁶ Idem.

²⁷ LOBO ANTUNES, António. “Última Crónica”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 389.

²⁸ LOBO ANTUNES, António. “Há surpresas assim”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 290.

²⁹ LOBO ANTUNES, António. “De livros e editores”. <http://visao.sapo.pt/de-livros-e-editores=f569659>. 22 de agosto de 2010.

³⁰ ARNAUT, Ana Paula. In: *Entrevistas com António Lobo Antunes*. Coimbra: Almedina, 2008. P 486.

³¹ Idem. Idem.

³² Idem. Idem.

uma página de revista imaginando que os eventuais leitores de domingo gostariam de um trecho leve, simples, agradável”³³. Apesar da diferença de seis anos entre as duas fontes citadas, fica claro que já está estabelecido desde o início, referenciado nos próprios textos breves, esse lugar em que Lobo Antunes posiciona os leitores de crônica, e que se manteve idêntico ao longo das quase já duas décadas a que se dedica regularmente ao gênero. Não há crescimento no arco de sua obra cronística em sua estima ao leitor eventual de crônicas.

Há, contudo, outro desconforto maior para Lobo Antunes – ao menos no começo de sua trajetória de cronista – diante dos textos breves: ter de abandonar a escrita de seus romances de “quinze em quinze dias”³⁴ para se dedicar a algo “sem importância”³⁵ e, pior, que ele sequer “considera literatura”³⁶ verdadeiramente. A crônica tira Lobo Antunes da concentração que os romances demandam. Como veremos adiante, perturbam o transe necessário, e difícil de alcançar, para acessar as verdades ocultas que os romances, por meio de sua árdua escrita, revelam ao escritor e ao leitor.

Desde o início de sua atividade de cronista estabelece esse antagonismo: o trabalho da crônica ocupa um tempo que poderia estar sendo concentrado em uma atividade mais relevante e profunda, e de galope mais largo, para usar os termos do próprio Lobo Antunes, de forma que a escrita da crônica traz ao peso de duas culpas, a de ceder ao gosto frívolo do público que lê esses textos sem importância, e também de retirar de Lobo Antunes tempo que deveria estar sendo melhor aproveitado. Como afirmou algumas vezes, as crônicas foram, por um longo tempo, “um itinerário paralelo aos livros”³⁷, caminhos criativos traçados pelo escritor que mal se encontram e dialogam entre si, distantes um do outro, e que em determinados momentos até se antagonizam diante do desejo de Lobo Antunes realizar uma escrita relevante e transformadora.

No entanto, a maneira como Lobo Antunes encara a relação entre a escrita romanesca e a escrita cronística tem-se suavizado nos últimos cinco anos.

³³ LOBO ANTUNES, António. “Última Crónica”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 389.

³⁴ Idem. Idem.

³⁵ BLANCO, María Luisa. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002. P 113.

³⁶ Idem. Idem.

³⁷ LOBO ANTUNES, António. “Se eu fosse Deus parava o Sol sobre Lisboa” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 74.

Como afirmou em uma crônica recente, Lobo Antunes acredita que sua atitude “em relação às crônicas se haja alterado”³⁸. A crônica começa a ser encarada mais como uma parceira de criação: “estava a precisar de fazer esta crônica para dar fé do peso da mão, embora a textura das crônicas seja muito diferente.”³⁹ Elas passam a ser um contato do romancista com a escrita quando ele se encontra no pesadoso intervalo de um livro ao outro, quando sua rotina se torna “tiro os óculos, limpo os óculos, coloco os óculos”⁴⁰ à espera dos “sinais físicos”⁴¹ do começo de um novo romance. Mesmo que a demanda da crônica seja um esforço em sua rotina, Lobo Antunes afirma, em “Onde o escritor começa”, que “estava a precisar de fazer esta crônica para dar fé do peso da mão, embora a textura das crônicas seja muito diferente.”⁴²

A nova relação vai além: António Lobo Antunes percebe que poderia usar as crônicas “como uma espécie de diário paralelo aos romances”⁴³ em que ocupariam a função de companheiras de trajeto literário. A escrita das crônicas, assim, pontuaria a escrita dos romances. Sendo assim, temas e assuntos do romance encontrariam na crônica um “laboratório”⁴⁴, um espaço em que Lobo Antunes poderia adicionar e desenvolver uma outra dimensão de sua poética realizada com o material que, por diversos motivos, “os livros rejeitam”⁴⁵.

Assim, ao longo de todo o arco de sua obra cronística a maneira como Lobo Antunes encarou sua atividade de cronista migrou. Meramente alimentícia no início, feita por subsistência, sem nenhum prazer, ela hoje ocupa um espaço mais potente em seu trabalho. Hoje, em um momento em que seus romances, fartamente traduzidos em dezenas de idiomas e inusitados best-sellers em Portugal, Alemanha e França, garantem-lhe a oportunidade de não precisar mais do pagamento pelas crônicas para sua subsistência, a permanência de Lobo

³⁸ LOBO ANTUNES, António. “Caminho como uma casa em chamas”. <http://visao.sapo.pt/caminho-como-uma-casa-em-chamas=f647927>. 23 de fevereiro de 2012.

³⁹ LOBO ANTUNES, António. “Onde o pobre escritor começa”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 227.

⁴⁰ LOBO ANTUNES, António. “O Gordo e o Infinito”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002. P 95.

⁴¹ LOBO ANTUNES, António. “O próximo livro”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 226.

⁴² LOBO ANTUNES, António. “Onde o pobre escritor começa”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 227.

⁴³ ARNAUT, Ana Paula. In: *Entrevistas com António Lobo Antunes*. Coimbra: Almedina, 2008. P 486.

⁴⁴ LOBO ANTUNES, António. “Caminho como uma casa em chamas”. <http://visao.sapo.pt/caminho-como-uma-casa-em-chamas=f647927>. 23 de fevereiro de 2012.

⁴⁵ Idem.

Antunes na atividade quinzenal de cronista revela que os textos breves acabaram por se tornar uma relevante faceta de sua exploração literária. Mesmo abraçando temas triviais, para usar o tempo do próprio Lobo Antunes, elas possibilitam que se debruce sobre temas de mortalidade e de memória e de passagem do tempo, tão caros a sua imaginação, em materiais distintos, mas não tão alienígenas, àqueles que ganham vida em seus romances.

2.2. Falar, escutar

António Lobo Antunes, em momento algum em toda sua obra cronística, define como enxerga o gênero crônica em termos que não sejam metafóricos. E não apenas as crônicas recebem esse tratamento. O foco de suas reflexões literárias, descrito sempre de maneira frondosa, é aquilo que chama na crônica “A Confissão do Trapeiro” de “a arte de escrever um romance”⁴⁶, descrita dezenas de vezes ao longo de sua obra cronística. Algumas vezes protagonizando crônicas inteiras, outras vezes apenas de passagem, essa reflexão sobre a criação literária, sobre sua árdua e peserosa labuta, revela-se constante ao final da leitura de suas crônicas.

Essa “arte de escrever um romance”, de acordo com Lobo Antunes, é uma atividade cuja força magnética, e inescapável, condena o escritor a “sina de uma vida dedicada a tentar iluminar o mundo com uma lanterna”⁴⁷, ora caminhando “sozinho em um deserto de vozes”⁴⁸, ora “tacteando paredes com a bengala da caneta”⁴⁹. A finalidade do escritor é “construir mundos”⁵⁰ em que pode explorar “a aparente racionalidade truncada da existência”⁵¹ e, assim, encontrar “uma verdade tão difícil de distinguir da paixão da mentira”⁵². Ou, de forma muito própria da maneira com que Lobo Antunes expressa seu ofício, a “arte” por meio do qual é possível alcançar “o núcleo imparitilhável da vida”⁵³.

Como é possível observar, descrições objetivas e claras não são bem-vindas ao universo amplamente metafórico com que António Lobo Antunes expressa seu trabalho criativo. Antes que um capricho de linguagem, essa forma de abordar a criação, por vezes alusiva e algumas hermética, é uma defesa pessoal

⁴⁶ LOBO ANTUNES, António. “A Confissão do Trapeiro”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 134.

⁴⁷ LOBO ANTUNES, António. “Tenham piedade de nós”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 234.

⁴⁸ LOBO ANTUNES, António. “Dois vezes dois quatro é uma parede” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011.

⁴⁹ LOBO ANTUNES, António. “Qualquer bocadinho acrescenta, disse o rato, e fez chichi no mar”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 57.

⁵⁰ LOBO ANTUNES, António. “A Confissão do Trapeiro”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 134.

⁵¹ Idem. Idem.

⁵² Idem. Idem.

⁵³ LOBO ANTUNES, António. “Para José Cardoso Pires, ao ouvido”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 206.

diante da possibilidade de encontrar uma explicação racional para seu próprio ofício de escritor, que vê como irracional e misterioso.

Ainda que essas reflexões sobre a “arte de escrever um romance” estejam espalhadas em inúmeras crônicas, após cotejá-las, torna-se discernível que formam um conjunto consistente de divagações acerca de um mesmo foco: a missão do escritor (e do artista), eixo central tanto das sucessivas maneiras como aborda a leitura quanto, também, das descrições da labuta do escritor diante dos materiais narrativos – essas vozes, lembranças, desejos, que “andam aí à ronda, mais fortes, mais ténues, mais distantes, mais próximas”⁵⁴ –, “tão difíceis de traduzir em palavras”⁵⁵, e que acabam, após a luta infinita do romancista para chegar até o “magma da primeira versão”⁵⁶, por consumir o escritor “nos livros a procura de exprimi-las”⁵⁷, nessa luta corporal minuciosa e exaustiva em busca de criar aquilo “que não existe”.⁵⁸ Quando o escritor consegue finalmente fazer existir o que não existia, resta-lhe, diante desse imenso material narrativo confuso e disforme, “corrigir e corrigir”⁵⁹, “progredindo através de versões sucessivas”⁶⁰ até alcançar, após “despir os fatos que vestimos as estátuas das primeiras versões”⁶¹, o ambicionado e fugidio núcleo impartilhável da vida presente na versão final do romance. Como é possível observar, a vida de grande escritor, segundo António Lobo Antunes, não é fácil.

Para melhor entendimento de como o escritor português vê as crônicas, raras vezes lidadas diretamente em sua obra, é possível traçar a seguinte estratégia: rastrear o modo como Lobo Antunes constrói sua poética romanesca, e por meio de uma exploração reversa, e com indicação de trechos de suas próprias crônicas, alcançar indícios da maneira como encara e pensa suas crônicas. É

⁵⁴ LOBO ANTUNES, António. “A melhor maneira é a única boa”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 169.

⁵⁵ LOBO ANTUNES, António. “Eu, às vezes”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 145.

⁵⁶ LOBO ANTUNES, António. “Dança o cão, dança o gato, dança o feijão carrapato”. <http://visao.sapo.pt/danca-o-cao-danca-o-gato-danca-o-feijao-carrapato=f537367>. 18 de novembro de 2009.

⁵⁷ LOBO ANTUNES, António. “Eu, às vezes”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 145.

⁵⁸ LOBO ANTUNES, António. “O próximo livro”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 225.

⁵⁹ LOBO ANTUNES, António. “Para José Cardoso Pires, ao ouvido”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 206.

⁶⁰ LOBO ANTUNES, António. “Conversa em família”. <http://visao.sapo.pt/conversa-em-familia=f577063>. 21 de outubro de 2010.

⁶¹ LOBO ANTUNES, António. “Para José Cardoso Pires, ao ouvido”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 206.

visível que existe ao longo de sua obra cronística esse diálogo permanente entre essas duas atividades: aquilo que Lobo Antunes reflete e pondera acerca de um dos gêneros acaba por ajudá-lo a pensar e definir os espaços e as potências criativas do outro, e vice-versa.

O melhor ponto de partida é o texto “Última Crônica”, em que Lobo Antunes se despede dos leitores do jornal *Público* alguns meses antes de assumir uma página quinzenal na revista *Visão*. É uma legítima despedida. Em um texto loquaz, Lobo Antunes agradece o convite feito pelo diretor do jornal, Vicente Jorge Silva, e se diz emocionado com as “centenas de cartas de leitores, a maior parte entusiásticas e amigas, algumas de desacordo e censura, outras ainda agressivas e violentas”⁶² que recebeu ao longo dos anos.

Lobo Antunes também reclama, nessa mesma crônica, da incompreensão que recebia àquela altura das “entidades oficiais e meta-oficiais”⁶³ de Portugal, e decide se reparar, em um raro gesto de modéstia e humildade, com o poeta Vasco Graça Moura, “artista de primeira água, que não merecia o que da sua obra disse”⁶⁴, cuja obra ironizara abertamente. Ainda não sabendo que retomaria suas atividades de cronista em breve em outro espaço, António Lobo Antunes afirma que por gratidão ao público português, apesar de abandonar as crônicas cuja resposta dos leitores é tão entusiasta, “continuará editando os romances”⁶⁵, sua verdadeira grande arte.

Nesse texto a crônica é antagonizada em relação ao romance como saqueadora do pouco tempo criativo que Lobo Antunes dispõem uma vez que escreve seus romances “devagar e com dificuldade”⁶⁶. Nesse contexto em que a escrita das crônicas é um sacrifício, parar de escrevê-las é um alívio. Lobo Antunes sente, e descreve com ênfase esse sentimento na crônica, que “é altura de largar essa prosinhas”⁶⁷ uma vez que tem certeza de “precisar de duzentos anos para os romances que pretende fazer”⁶⁸ e não há tempo para ser desperdiçado com textos que, apesar de tão amados pelos leitores, afastam-no dos romances.

⁶² LOBO ANTUNES, António. “Última Crônica”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 390.

⁶³ Idem. Idem.

⁶⁴ Idem. Idem.

⁶⁵ Idem. Idem.

⁶⁶ Idem. P 389.

⁶⁷ Idem. P 390.

⁶⁸ Idem. P 389.

“Última Crónica” estabelece sua dedicação ao gênero crônica como um problema e impasse desagradáveis no percurso de sua atividade de romancista, uma obrigação quinzenal que lhe dava a “sensação de que o dinheiro que me pagavam não pagava o facto de abandonar um capítulo que me exigia inteiro, a trabalhá-lo e a passá-lo”⁶⁹ porque “um romance leva os dias e as noites por completo”⁷⁰ assim como “a maior parte dos sonhos, durante a sua redação, estão ligados a ele”⁷¹ e o ato de escrever a crônica surge, nesse contexto de labuta interminável com a escrita do romance, como uma interrupção custosa para essa espécie de transe que demanda, para que alcance relevância artística, “fidelidade total”⁷² do escritor.

Há em outra crônica, “Da morte e outras ninharias”, uma bela descrição desse transe da escrita: os romances

vêm não de onde, não sei como, e apenas tenho que lhes dar todo o meu tempo e esvaziar a cabeça de tudo o resto para que cresçam por intermédio da mão no fim do meu braço: o braço pertence-me mas a mão, ao transcrevê-lo, pertence ao romance.⁷³

Essa dedicação de “corpo e alma” que a “arte de escrever um romance” demanda é tão forte, induz tanto os pensamentos e os sentimentos, que ter que interrompê-la para escrever uma crônica revela-se um sacrifício inconveniente a esse transe tão especial. Nesse momento específico no arco em que descreve a escrita das crônicas, quando era uma necessidade financeira, escrevê-las era um ato árduo e torturante, que fazia Lobo Antunes permanecer “horas diante do papel, à espera da primeira frase.”⁷⁴ Esse quadro sacrificado de sofrimento e de desconforto diante das crônicas irá sofrer uma mudança radical em de alguns anos dentro da própria trajetória da obra cronística do autor.

A crônica central para uma abordagem da “arte de escrever o romance” – segundo Lobo Antunes – se chama “Receita para me lerem”. Nesse texto, Lobo Antunes estabelece três nós a partir dos quais irá pensar o restante de sua literatura, seja em entrevistas, e até em suas próprias crônicas futuras. O primeiro nó estabelecido, a metamorfose do lugar convencional do leitor diante de sua

⁶⁹ Idem. Idem.

⁷⁰ Idem. Idem.

⁷¹ Idem. Idem.

⁷² LOBO ANTUNES, António. “Augusto Abelaira: Escritor”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 96.

⁷³ LOBO ANTUNES, António. “Da morte e outras ninharias”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 145.

⁷⁴ Idem. Idem.

escrita e as mudanças que deseja operar na forma como esse leitor se relaciona com o texto. Depois, é nessa crônica que Lobo Antunes formula a ideia de abandonar o termo romance para denominar seus romances e passa a nomear mais regularmente suas narrativas longas como “livros”. A partir dessa crônica sua obra se dividirá, quando fala e escreve sobre elas, em “livros”, os antigos romances, e “crônicas”, agora relegadas de vez ao posto de não-literatura. Essa posição radical se manteve inalterada desde então. Em um texto recente, de outubro de 2012, por exemplo, perto de completar duas décadas como cronista, Lobo Antunes descreve uma futura coletânea de seus textos breves, prevista para 2014, como “mais uma coleção destas prosinhas”⁷⁵. É imutável e irreparável o juízo negativo de qualidade que Lobo Antunes faz de sua própria obra cronística.

Depois, o terceiro nó estabelecido, lança a ideia categórica, que se tornará corrente na descrição que fará de sua própria poética narrativa desde então, de que os elementos centrais tradicionais por meio dos quais romances são organizados – segundo a crônica, “personagens, situações, intrigas”⁷⁶ – passam a ser em suas narrativas longas, os futuros “livros” que Lobo Antunes arquitetar e escreverá, apenas “pretextos de superfície”⁷⁷ que usará para conduzir o bom leitor, aquele leitor raro e cúmplice, “ao fundo avesso da alma”⁷⁸.

“Receita para me lerem” é, dentro da obra de António Lobo Antunes, uma crônica rica de pensamento e de provocação.

Em relação ao lugar do leitor, começa categórica: “sempre que alguém afirma ter lido um livro meu fico decepcionado com o erro”⁷⁹. Lobo Antunes pondera que “aquilo que por comodidade chamei de romances”⁸⁰, todas suas narrativas longas, e que “poderia ter chamado de poemas, visões, o que se quiser”⁸¹, a partir daquele momento “apenas se entenderão se os tomarem por outra coisa”⁸². Essa “outra coisa” que Lobo Antunes escreve “não é para ser lida no sentido em que usualmente se chama ler”⁸³: essa “outra coisa”, desafiadora

⁷⁵ LOBO ANTUNES, António. “Adeus”. <http://visao.sapo.pt/adeus=f692839>. 25 de outubro de 2012.

⁷⁶ LOBO ANTUNES, António. “Receita para me lerem”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 113.

⁷⁷ Idem. Idem.

⁷⁸ Idem. Idem.

⁷⁹ Idem. Idem.

⁸⁰ Idem. Idem.

⁸¹ Idem. Idem.

⁸² Idem. Idem.

⁸³ Idem. Idem.

para os leitores, deve ser apanhada como “uma doença”⁸⁴ cujo sintoma é esse leitor adoecido se deixar levar pelo “aparente desleixo”⁸⁵ do texto narrativo. Dando fé à sua crença na força transformadora da leitura – Lobo Antunes segue –, o texto narrativo levará esse leitor adoecido pelo “assombrado vaivém de ondas que, a pouco e pouco, o levará ao encontro da treva fatal, indispensável ao renascimento e à renovação do espírito”⁸⁶. O bom leitor, segundo Lobo Antunes, sairá sempre mudado e renascido da experiência de leitura.

Assim, Lobo Antunes define que a forma “certa”, convencional, de operar a leitura de um texto ficcional é “um erro” que lhe causa decepção (uma vez que espera muito do leitor). Para ler essa “outra coisa” que Lobo Antunes escreve, o leitor “tem de renunciar à sua própria chave”⁸⁷ e assim “utilizar a chave que o texto lhe oferece.” É rico retornar aqui a uma máxima proferida em outra de suas crônicas: de que “o bom leitor só recebe na medida em que dá”⁸⁸. O leitor, afirma o cronista, precisa que sua “confiança nos valores comuns se dissolva página a página”⁸⁹ para que assim “nossa enganosa coesão interior vá perdendo gradualmente o sentido que não possui e todavia lhe dávamos”⁹⁰. O que António Lobo Antunes propõem ao leitor é um processo intenso de desconstrução diante do texto narrativo que, para que tenha efeito, o leitor deve estar disposto, e preparado, a se submeter.

Entre as chaves de leitura que o mau leitor poderá usar diante de um texto ficcional de sua autoria Lobo Antunes destaca “o país, a relação homem-mulher, o problema da identidade e da procura dela, África e a brutalidade da exploração colonial, etc”⁹¹, todas abordagens relevantes “do ponto de vista político, ou social, ou antropológico”⁹² e que no entanto “nada têm a ver com meu trabalho”⁹³. O que tem haver com o trabalho de António Lobo Antunes, aquilo que ele destaca como essencial para seu entendimento, é estabelecer um rico “fluxo e refluxo de

⁸⁴ Idem. Idem.

⁸⁵ Idem. P 114.

⁸⁶ Idem. Idem.

⁸⁷ Idem. Idem.

⁸⁸ LOBO ANTUNES, António. “De livros e editores”. <http://visao.sapo.pt/de-livros-e-editores=f569659>. 22 de agosto de 2010.

⁸⁹ LOBO ANTUNES, António. “Receita para me lerem”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 114.

⁹⁰ Idem. Idem.

⁹¹ Idem. Idem.

⁹² Idem. Idem.

⁹³ Idem. Idem.

emoções partilhadas”⁹⁴ entre o leitor e o texto de onde “outra ordem nasça desse choque”⁹⁵ entre aquilo que o leitor, desarmado de suas crenças, estranha no mundo e em si mesmo ao ler aquilo que o texto, desprovido de todos os elementos convencionais confortáveis, irá propô-lo como desafio.

Essa mudança do leitor em relação ao texto narrativo também modifica, na concepção de Lobo Antunes, o próprio gênero romance, transformando-o nessa “outra coisa” que ele tanto deseja escrever. Utilizando um termo que usará desde essa crônica, o romance passa a ser “livro”, e apenas “livro”. Esse objeto especial, que Lobo Antunes idealiza um mundo em que “não estivesse nas livrarias ao lado dos outros” para assim, isolado, “não contagiar as narrativas alheias ou os leitores desprevenidos”⁹⁶ com a doença de sua novidade. Dessa relação cúmplice com o leitor o romance transforma todas suas páginas, nessa metamorfose em “outra coisa”, em espelhos, fundando assim um espaço privilegiado de enfrentamento para o leitor “encontrar uma verdade”⁹⁷ acerca de si próprio e do mundo onde ele tão alheio vivia sem realmente enxergar.

Em uma crônica anterior à “Receita para me lerem”, Lobo Antunes descreveu dessa maneira o romance que gostaria de escrever um dia: seria um “livro no qual todas as páginas fossem espelhos e o leitor visse, não apenas ele próprio e o presente em que mora mas também o futuro e o passado, sonhos, catástrofes, desejos, recordações”⁹⁸. É como se em “Receita para me lerem” todas essas reflexões literárias finalmente se concentrassem em apenas um texto assim culminando a virada de sua trajetória criativa.

Ainda que não cite em momento algum o gênero crônica em “Receita para me lerem”, há nesse texto o aprofundamento de uma resistência de Lobo Antunes com as estratégias narrativas que associa com aquilo que poderia ser chamado elementos de “narrativa tradicional” – seus “personagens, situações, intrigas”⁹⁹ – que ele associa de forma tão entranhado com o gênero. É como se a crônica ainda

⁹⁴ LOBO ANTUNES, António. “De livros e editores”. <http://visao.sapo.pt/de-livros-e-editores=f569659>. 22 de agosto de 2010.

⁹⁵ LOBO ANTUNES, António. “Receita para me lerem”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 114.

⁹⁶ LOBO ANTUNES, António. “Receita para me lerem”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 114.

⁹⁷ Idem. Idem.

⁹⁸ LOBO ANTUNES, António. “O coração do coração”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 51.

⁹⁹ LOBO ANTUNES, António. “Receita para me lerem”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 113.

mantivesse um elo com um conjunto de técnicas – com um passado literário – que Lobo Antunes superou em sua “arte de escrever um romance.”

Na crônica “O passado é um país estrangeiro” Lobo Antunes resume sua atividade de escritor assim: “Escrever é ouvir com mais força.”¹⁰⁰ No entanto, conforme afirma nessa mesma crônica, nem sempre essas vozes lhe trazem um material a altura da “arte de escrever um romance” que ele exerce. Há momentos em que essas vozes, esperadas e aguardadas, entregam “personagens, episódios, histórias”¹⁰¹, algo que causa imenso desagrado. Lobo Antunes diz, diante dessa oferta das vozes, “quero lá saber de personagens, episódios, histórias”¹⁰² para escrever. Lobo Antunes, assim, repele a oferta. Esses componentes e elementos de narrativa tradicional que as vozes lhe trazem são, no fundo, “para quem faz romances, e eu cago nos romances”¹⁰³. O que Lobo Antunes faz é “outra coisa”, que dispensa esses elementos tradicionais.

Uma vez que Lobo Antunes apenas precisa de “um fio que me conduza ao centro da vida e ao trazer ao de cima tudo que existe lá dentro”¹⁰⁴, esses elementos tradicionais tornam-se apenas uma distração em sua atividade de romancista, uma afronta e até armadilha ao que deseja realizar. Essa resistência toma forma e se aprofunda ao longo dos anos até que, em uma crônica recente de agosto de 2010, Lobo Antunes afirma taxativo que “em nenhum bom livro há personagens e histórias”¹⁰⁵, garantindo que “quando muito, há a aparência de personagens e histórias, usadas para tornar mais clara a vertigem do que somos”.¹⁰⁶ Apesar de ser um exagero, e de que seus romances ainda operem com elementos de trama e enredo, o divórcio entre António Lobo Antunes e a narrativa tradicional torna-se, ao menos na forma como ele próprio lê seu trabalho, completo e definitivo.

Em uma belíssima crônica recente, “Os meus livros”, em que António Lobo Antunes descreve suas leituras preferidas de infância e de adolescência, o

¹⁰⁰ LOBO ANTUNES, António. “O passado é um país estrangeiro”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 282.

¹⁰¹ LOBO ANTUNES, António. “A melhor maneira é a única boa”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 170.

¹⁰² Idem. Idem.

¹⁰³ Idem. Idem.

¹⁰⁴ Idem. Idem.

¹⁰⁵ LOBO ANTUNES, António. “De livros e editores”. <http://visao.sapo.pt/de-livros-e-editores=f569659>. 22 de agosto de 2010.

¹⁰⁶ Idem.

cronista decide escrever, empolgado pela lembrança dos romances de seus autores queridos, um trecho inspirado nas narrativas ingênuas que apreciava:

– Amas-me?
perguntou ela, vibrante, no vestido de cetim negro que não lhe ocultava as forma opulentas. O olhar firme e terno dele, e a máscula palma nas suas costas delicadas bastaram-lhe como resposta. Uma estrela cintilava, unicamente para ambos, no escritório cor de tinta do firmamento. Uma lágrima perlou a pálpebra de Leonora, cingindo-se ao belo torso do seu amado: tinham vencido.¹⁰⁷

Há nesse trecho todos os elementos que Lobo Antunes despreza nas narrativas convencionais, desde a maneira “correta” de pontuar até a perspectiva temporal do narrador clara e discernível, até a forma de descrever as personagens e de tornar evidente aquilo que pensam. O trecho citado é um dos poucos momentos em que Lobo Antunes usa estratégias convencionais em toda sua obra cronística, o que faz em chave paródica em uma crônica em que revisita sua infância evidenciando, assim, a maneira complacente com que se relaciona, em sua maturidade artística, com esse tipo de narrativa convencional cujo foco está mais centrado no enredo, na trama, no desenvolvimento de personagens, etc.

É dessa forma que a maneira negativa com que encara as crônicas, percepção já solidificada desde o início de sua trajetória de cronista, ganha novos argumentos: para Lobo Antunes, as crônicas ainda são marcadas, para agradar os “eventuais leitores de domingo”¹⁰⁸ da revista e do jornal, pela necessidade banal de entreter e de “contar uma estórias”¹⁰⁹. As crônicas são dependentes do gosto de quem paga para que ele as escreva, e da aprovação de quem paga para lê-las, de modo que Lobo Antunes sente que o resultado final da escrita das crônicas é um substrato de seu potencial criador por justamente precisar negociar e depender de estratégias narrativas que, uma vez eliminadas, fizeram com que seus romances, ou “livros”, ou “outras coisas”, alcançassem um patamar de realização artística elevado para seu ofício de escritor e transformador aos leitores.

Assim, as limitações da crônica são tanto os seus limites físicos – a falta de espaço no jornal e na revista para um galope mais largo, para usar termos do próprio Lobo Antunes –, quanto também o gosto do leitor de crônicas, pouco

¹⁰⁷ LOBO ANTUNES, António. “Os meus livros” *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 179.

¹⁰⁸ LOBO ANTUNES, António. “Última Crónica”. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008. P 389.

¹⁰⁹ LOBO ANTUNES, António. “Adeus”. <http://visao.sapo.pt/adeus=f692839>. 25 de outubro de 2012.

exigente, e a quem o cronista deve o cumprimento de um pacto de entretenimento e de leveza ao qual, ao longo de sua obra cronística, Lobo Antunes curiosamente sempre recorda toda vez que rompe ou não cumpre. Em uma crônica chamada “Crônica para aqueles que vão escrever”, após descrever as dificuldades para vencer um bloqueio criativo, Lobo Antunes se remete dessa forma ao leitor: “Eu peço perdão de em lugar das historinhas que costumo contar nas crônicas, tão diferentes dos livros em que não há historinhas, vos ter maçado com este discurso”¹¹⁰. O pacto de entretenimento com o leitor de crônicas está sempre rondando, aparente na consciência do cronista, tornando assim inapropriados, como Lobo Antunes reconhece, certos pensamentos e certos assuntos.

Em uma de suas crônicas mais famosas, “078902630RH+”, após descrever impactantes cenas de violência e de morte durante sua participação na Guerra Colonial em Angola, o cronista recua, pensa e afirma que “talvez coisas assim não fiquem bem num jornal”¹¹¹. Após pedir mais uma vez desculpas ao leitor, Lobo Antunes completa: “agora, prometo, vou lavar as mãos e torno a escrever coisas como deve ser.” E elas devem ser leves, banais, marcadas por tramas, por enredos, por personagens, dependências que António Lobo Antunes, em sua maturidade no exercício da “arte de escrever um romance”, expurgou definitivamente de seus livros.

É nesse ponto que a maneira pelo qual Lobo Antunes apresenta a escrita das crônicas, no arco de sua obra cronística, muda sensivelmente: essa escrita não é mais difícil, problemática, um fardo que rouba o tempo precioso e limitado que tem para criar seus inúmeros romances como antes era apresentada. As crônicas nos textos escritos a partir de “Receita para me lerem”, ainda que continuem de fatura textual irrisória, segundo seu autor, tornam-se sinônimo de escrita fácil e tão leve quanto os materiais com que lidam. Uma vez que há nas reflexões sobre literatura na obra cronística de Lobo Antunes (e em algumas entrevistas) uma relação direta entre a dificuldade de escrita de determinado texto com qualidade final do texto, as crônicas nessa nova configuração, ainda que tratadas não mais como um fardo ou como um problema, continuam relegadas ao espaço textual de não-literatura.

¹¹⁰ LOBO ANTUNES, António. “Crônica para aqueles que vão escrever”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 156.

¹¹¹ LOBO ANTUNES, António. “078902630RH+”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 113.

Os romances, ou “livros”, árduos objetos cuja criação é comparado na crônica “O mecânico” a um “parto”¹¹² difícil, exigem extremo esforço, sacrifício e concentração por parte do escritor. O ônus pessoal do ato de escrever as crônicas, contudo, muda para Lobo Antunes. Por exemplo, em “Esquimó”, após descrever que vencida uma longa espera e diante da pressão um prazo para entrega da crônica as palavras finalmente fluem em direção ao bloco de papel, o cronista pondera que nos romances que publicou até então teve “de puxar as palavras uma a uma.”¹¹³ Lobo Antunes precisa, para alcançar o texto do romance, “arrancar” as palavras, travar na superfície do papel uma luta corporal extenuante que depende de sua vontade para ser vencida. No caso das crônicas, agora, é questão de esperar o momento certo. É uma escrita passiva.

Logo a seguir, na mesma crônica citada, Lobo Antunes segue com uma comparação breve e cirúrgica: “Nas crônicas, pelo contrário [do que acontece com os romances], [as palavras] aparecem num instante, todas alinhadinhas.”¹¹⁴ Diante dessa constatação, conclui, taxativo: “desconfio desta facilidade.”¹¹⁵ Não há para de Lobo Antunes a possibilidade de alcançar uma arte transformadora e profunda por meio de uma escrita que seja “fácil” como agora a escrita da crônica se tornou para ele. Há essa virada na maneira como apresenta a escrita das crônicas, nesse momento de sua trajetória travadas com facilidade e sem esforço, maneira que se solidificará e permanecerá consistente até suas crônicas mais recentes.

Exemplos de facilidade na escrita das crônicas pululam em sua obra cronística a partir de “Receita para me lerem”. Seguem alguns. Quando escreve crônicas, Lobo Antunes agarra “qualquer sombra ao meu alcance, conforme vem, e ponho-a aqui”¹¹⁶, ao passo que seus romances demandam assuntos que escapem da trivialidade. Ou então, conforme descreve em outro texto, “oiço esta crônica, os seus movimentos. As frases chegam como ondas. Vêm, ficam um bocadinho no papel, recuam, desaparecem.”¹¹⁷ E mais esse exemplo: “Agarrei no bloco e as

¹¹² LOBO ANTUNES, António. “O mecânico”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 39.

¹¹³ LOBO ANTUNES, António. “O Esquimó”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 83

¹¹⁴ Idem. Idem.

¹¹⁵ Idem. Idem.

¹¹⁶ LOBO ANTUNES, António. “Bom ano novo, senhor Antunes”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 270.

¹¹⁷ LOBO ANTUNES, António. “Onde a mulher teve um amor feliz é sua terra natal”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 247.

palavras começam a sair sozinhas.”¹¹⁸ Está estabelecida essa mudança. Contudo, diante dessa nova configuração, Lobo Antunes traça um novo veredito negativo diante das crônicas: “Desconfio desta facilidade.”¹¹⁹ Não exigirem muito tempo é indício claro de sua falta de qualidade; agora, que venham sem a dificuldade original, de forma “pronta” e “acabada”, apenas confirma seu estatuto de não-literatura para Lobo Antunes.

Com a conquista de facilidade e de fluidez, que Lobo Antunes entende como qualidades negativas, vem também a presença inédita de humor e de irreverência em relação às crônicas. Angústia, sofrimento, sacrifício são legadas agora a “arte da escrita de um romance”. As crônicas tornam-se oportunidades de aquecer a mão, de trabalhar materiais que os livros rejeitam, de ocupar o tempo livre entre um livro e outro. Ofertando essas vantagens, as crônicas passam a ser oportunidades de relaxamento das atribulações mais pesadas dos romances, um descanso e uma merecida e bem-vinda distração na sua rotina extenuante.

Em um irreverente texto breve, chamado “Crônica para quem aprecia histórias de caçadas”, Lobo Antunes mostra-se relaxado. (Algo raríssimo.) O texto começa assim: “Estou aqui sentado, à espera que a crônica venha. Nunca tenho ideia: limito-me a aguardar a primeira palavra, a que traz as restantes consigo.”¹²⁰ E falando em seguida de como entende a escrita das crônicas naquele momento, segue com a essa descrição:

É como caçar pacaças na margem do rio: a gente encostadinhos a um tronco até que elas cheguem, sem fazermos barulho, sem falar. E então um ruidezito que se aproxima: a crônica, desconfiada, olhando para todos os lados, avança um tudo-nada a pata de uma frase, pronta a escapar-se à menor desatenção, ao menor ruído. De início distinguimo-la mal, oculta na folhagem de outros períodos, romances nossos e alheios, memórias, fantasias. Depois torna-se mais nítida ao abeirar-se da água do papel, ganha confiança e aí está ela, inteira, a inclinar o pescoço em direção da página, pronta a beber. É altura de apontar cuidadosamente a esfêrográfica, procurando um ponto vital, a cabeça, o coração
(a nossa cabeça, o nosso coração)
e quanto temos a certeza que a cabeça e o coração bem na mira, disparar: a crônica tomba diante dos dedos, compõem-se-lhe as patas e chifres para ficar apresentável
(não compor muito, para que a atitude não seja artificial)
e manda-se para revista. É assim.¹²¹

¹¹⁸ LOBO ANTUNES, António. “O Esquimó”. *Quarto livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011. P 83.

¹¹⁹ Idem. Idem.

¹²⁰ LOBO ANTUNES, António. “Crônica para quem aprecia histórias de caçadas”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 181.

¹²¹ Idem. Idem.

Comparadas com a maneira como Lobo Antunes descreveu sua relação com as crônicas originalmente, essa nova forma de encará-las tem um frescor e um humor que são novidade dentro do arco de sua obra cronística. E essa novidade avançará ainda mais sua poética sobre a escrita do gênero.

Os romances, ou livros, recorrendo um termo que Lobo Antunes aplica já citado, são um “parto” difícil: frutos de esforço descomunal. A escrita da crônica, no entanto, é apenas questão de estar disponível – seguindo as imagens dessa crônica específica, estar à beira do rio da página em branco – e, por fim, de ter paciência para a oportunidade surgir, de estar “a esta mesa, de caneta no sovaco, à espreita.”¹²² Quando as crônicas estão a “beberem da página”¹²³, distraídas, Lobo Antunes certifica se as enquadrou na mira e aperta “os cinco gatilhos dos meus cinco dedos”¹²⁴. O resultado: “a crônica cai redonda no bloco”¹²⁵.

É aqui que sua poética da escrita da crônica faz mais uma virada essencial.

A escrita profunda e transformadora da “arte de escrever romances” é realizada por meio de uma batalha com as sucessivas versões do texto. Lobo Antunes vê a composição do “magma”¹²⁶, a primeira versão dos romances, como um trabalho de extrema angústia e frustração. Escrever, essa coisa bela que “faz os homens caminharem sobre as patas traseiras e projectarem uma enorme sombra”¹²⁷ – sua citação favorita de William Faulkner –, só atinge essa missão nobre e elevada por meio de custosas, e por vezes longuíssimas, revisões. Não há atalhos até o “livro”. Lobo Antunes reconhece, contudo, que há uma qualidade inerente no fato da crônica nascer “pronta”. Longe de combater essa facilidade inerente, que desconfia, Lobo Antunes defenderá essa energia improvisada do gênero.

Para Lobo Antunes, inclusive, ao escrever a crônica o cronista não deve “compor muito”¹²⁸, e dessa forma aceitá-la como ela vem, “para que a atitude não

¹²² Idem. P 182.

¹²³ Idem. Idem.

¹²⁴ Idem. Idem.

¹²⁵ Idem. Idem.

¹²⁶ LOBO ANTUNES, António. “Dança o cão, dança o gato, dança o feijão carrapato”. <http://visao.sapo.pt/danca-o-cao-danca-o-gato-danca-o-feijao-carrapato=f537367>. 18 de novembro de 2009.

¹²⁷ LOBO ANTUNES, António. “Receita para me lerem”. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007. P 116.

¹²⁸ LOBO ANTUNES, António. “Crônica para quem aprecia histórias de caçadas”. *Terceiro livro de crônicas* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005. P 182.

seja artificial”¹²⁹. Há revisões, como em todo texto, mas no entanto devem ser poucas para que não prejudiquem a qualidade algo “natural” com que as crônicas caem prontas no papel.

Segundo as recomendações ponderadas de revisão descritas em “Crônica para quem aprecia histórias de caçadas”, “aplica-se, por precaução, a facada de um conte num adjetivo, numa imagem, a fim de acabar com ela. E aí está a crônica quietinha, pronta a ser publicada.”¹³⁰ Esse estatuto de desleixo das crônicas, a maneira como elas fluem com naturalidade durante sua escrita, passa a ter um valor positivo para Lobo Antunes. Como se verá adiante, as crônicas vêm de um outro lugar, de um outro saber, que apenas elas têm acesso.

Seu relaxamento diante do gênero – que no entanto jamais faz com que baixe a guarda e lhe dê real valor estético – está completo e se manterá consistente na forma com que apresenta a escrita das crônicas a partir de então. As crônicas não antagonizam mais com os “livros”. As crônicas não são mais sequestradoras do preciso tempo de escrita dos romances.

Mais, até: as crônicas prestam-se ao escritor como laboratório, acolhem temas exilados que não se encaixam nos livros, servem como alívio enquanto o romancista espera paciente as vozes, e certificam que em dias áridos, em que a escrita não ganha fluência, Lobo Antunes mantenha sua mão criadora aquecida, em contato com a escrita que tanto lhe importa.

Em uma de suas últimas crônicas, “Caminho como uma casa em chamas”, de fevereiro de 2012, António Lobo Antunes está diante das dificuldades típicas, que descreve em inúmeras crônicas, que lhe acometem entre um livro e outro: “Passei muitos meses difíceis entre agosto e metade de dezembro, não era capaz de escrever uma linha que fosse e o desespero e a falta de sentido da minha vida aumentavam quase hora a hora.”¹³¹ Pouco antes de ser acometido por essa crise, Lobo Antunes “tinha escrito um livro muito bom.”¹³² Contudo, “ao tentar recomeçar”¹³³ sua atividade de escritor, ao procurar outro livro, o próximo, “nem uma palavra”¹³⁴ surgia no papel. É um quadro deprimente para Lobo Antunes:

¹²⁹ Idem. Idem.

¹³⁰ Idem. P 183.

¹³¹ LOBO ANTUNES, António. “Caminho como uma casa em chamas”. <http://visao.sapo.pt/caminho-como-uma-casa-em-chamas=f647927>. 23 de fevereiro de 2012.

¹³² Idem.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Idem.

“Todas as manhãs me sentava disciplinadamente à mesa, todas as noites me levantava dela com a página em branco.”¹³⁵

Seu único alívio era o seguinte: ao menos “conseguiu compor as crônicas da *Visão*”¹³⁶. Tirando isso, o momento criativo é de aridez total. Mesmo que “de longe em longe”¹³⁷ conseguia ver uma frases, não passavam nunca de “pobres tentativas que acabavam no lixo”¹³⁸. Mais adiante, Lobo Antunes pondera: “Não redijo com facilidade, é-me muito custoso alcançar o que tenho de alcançar para me sentir em paz”¹³⁹. É uma situação sem saída onde, para aumentar sua angústia, não conseguiu nesses meses sequer “um esboço de texto sem possibilidades internas, um oco de banalidades qualquer”¹⁴⁰. E no meio dessa crise de confiança um medo acomete António Lobo Antunes: “Vou escrever crônicas só, não dou para mais nada.”¹⁴¹

Diante dessa possibilidade, de estar seco para escrita literária profunda e verdadeira, de ter apenas uma vida de cronista diante de si, Lobo Antunes repensa sua relação de quase duas décadas com as crônicas. Primeiro, constata que sua relação diante das crônicas mudou com os anos, suavizando-se; depois, em uma espécie de resumo de tudo que escreveu acerca delas, afirma que lhe parece “poder utilizá-las como laboratórios ou itinerário paralelo, colocar nelas o que os livros rejeitam, exercitar a mão.”¹⁴² As crônicas, antes fonte de insuportável desperdício, agora são cúmplices.

Lobo Antunes segue a crônica com um tom de despedida que se assemelha à “Última Crônica”, escrita 15 anos antes. “Estou muito grato à *Visão* pelo espaço que me dá e pela elegância com que sempre me tratou e sinto-me, também, a pagar uma dívida de reconhecimento.”¹⁴³ Para o cronista é claro que “enquanto me quiserem ter-me-ão com eles.”¹⁴⁴ Isso confirma o prazer que agora sente ao colaborar com a revista. Depois, Lobo Antunes afirma que só acabaria com suas colaborações com a revista no caso de que “a capacidade de construir crônicas

¹³⁵ Idem.

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Idem.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Idem.

desapareça, conforme desapareceu, durante meses, a capacidade de construir livros”¹⁴⁵.

No entanto, Lobo Antunes considera a capacidade de fazer crônicas sumir improvável uma vez que “as crônicas se movem à superfície das coisas”¹⁴⁶, e assim estão ao alcance da mão. São fáceis, e caem “prontas” no papel. Seus romances, por outro lado, “são como peixes de águas profundas, às quais não tenho acesso consciente”¹⁴⁷. Há uma mudança agora estabelecida entre as duas escritas em que uma é consciente (a crônica) e a outra é inconsciente (o livro). É a primeira vez em toda sua cronística em que António Lobo Antunes coloca as duas atividades de escrita em igualdade, como dois lados da mesma moeda, cada uma acessando uma faceta de sua imaginação.

Lobo Antunes afirma que “nas crônicas eu sei o que vou escrever”¹⁴⁸, de modo que é improvável que deixe de escrever crônicas se não for por conta própria. Os romances são outra coisa: “num livro escrevo, cada vez mais, o que o próprio livro me dita.”¹⁴⁹ Eles são “regidos por princípios e leis a que não tenho acesso”¹⁵⁰, tornando Lobo Antunes refém de seus caprichos e suas vontades. E nesse ponto na crônica estabelece a mais rica diferenciação em toda sua obra cronística entre o ato de escrever crônicas e o ato de escrever romances. Lobo Antunes afirma que “nas crônicas falo e nos livros escuto”¹⁵¹.

Após duas décadas, e mesmo que ainda não dê às suas crônicas o mesmo estatuto artístico que confere aos seus romances, o arco com que descreve a escrita de sua obra cronística alcança enfim sua definição mais rica.

Não mais ladra e rapina, nem competidora do tempo precioso, agora é guardiã da faceta criadora de Lobo Antunes que “fala”, sua parte consciente. A crônica então está estabelecida como um espaço potente e cúmplice de sua imaginação criadora, em consonância com uma parcela de seus desejos criativos de escritor que deixou de ser meramente alimentícia, como descrevia o ator de escrever crônicas no início de sua trajetória. Resta ainda às crônicas a fatia de banalidade da vida cotidiana, afatia de trivialidade que o escritor Lobo Antunes

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Idem.

enxerga quando está diante de um bloco de papel em branco, e sua parte consciente “fala”.

Dessa maneira, sua escrita fica dividida entre falar e escutar, e ainda que tanto Lobo Antunes quanto à crítica tenha dado mais ouvidos àquilo que na obra do escritor português “escuta”, essa parte de sua obra que “fala”, em pequenos e breves textos em revistas de domingo para leitores eventuais, esconde pérolas potentes de seu pensamento e de sua maneira inconfundível de ver o mundo. É preciso apenas encarar a trivialidade como algo essencial para que as crônicas ganhem, afinal, relevo.